

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS GÊNERO

Fernanda de Oliveira Alves

A MULHER QUE DEVORA: REFLEXÕES SOBRE O
SILENCIAMENTO E A FALA A PARTIR DO FILME
SWALLOW

Santa Maria, RS
2021

Fernanda de Oliveira Alves

**A MULHER QUE DEVORA: REFLEXÕES SOBRE O
SILENCIAMENTO E A FALA A PARTIR DO FILME
*SWALLOW***

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos de Gênero.

Aprovada em 27 de abril de 2021:

Nikelen Acosta Witter, Dr^a, UFSM
(Presidenta/Orientadora)

Cláudia Samuel Kessler, Dra. (UFSM)
(Examinadora)

Mariana de Almeida Pfitscher, Ms^a. (ULBRA)
(Examinadora)

Santa Maria/RS
2021

**A MULHER QUE DEVORA: REFLEXÕES SOBRE O
SILENCIAMENTO E A FALA A PARTIR DO FILME
*SWALLOW***

“Escuta, vou ter que falar porque não sei o que fazer de ter vivido”

Clarice Lispector - A Paixão Segundo GH

RESUMO

O presente artigo é resultado da conclusão do curso de Especialização em Estudos de Gênero da UFSM e, tendo em vista que o objetivo da especialização é o de instrumentalizar profissionais em suas práticas junto a um tema específico, nos pautamos nisso para construir esta narrativa. O objetivo aqui é usar de um dispositivo fílmico para pensar questões de gênero junto do fazer clínico da psicanálise. Diante disso, o texto que se segue partirá de uma perspectiva experiencial. Assim, costurando a narrativa do filme com a prática clínica e a argumentação teórica dos estudos de gênero e da psicanálise, traremos algumas aproximações e abordagens iniciais sobre o padecimento de uma mulher e das potencialidades de saída desse lugar de sofrimento. É a partir do ato de falar e de contar a própria história que se torna possível alcançar uma condição de sujeito que viva, realize e seja de acordo com seus desejos.

Palavras-chave: gênero; psicanálise; sofrimento; dispositivo fílmico.

**THE DEVOURING WOMAN: REFLECTIONS ON SILENCE AND SPEECH FROM THE
SWALLOW MOVIE**

ABSTRACT

This article is the result of the conclusion of the Specialization Course in Gender Studies at UFSM and, considering that the objective of the specialization is to instrumentalize professionals in their practices along a specific theme, we are guided by this to build this narrative. The objective here is to use a filmic device to think about gender issues in conjunction with the clinical practice of psychoanalysis. Therefore, the text that follows will start from an experiential perspective. Thus, sewing the narrative of the film with clinical practice and the theoretical argumentation of gender studies and psychoanalysis, we will bring some initial approaches and approaches about the suffering of a woman and the potentialities of leaving this place of suffering. It is from the act of speaking and telling the story itself that it becomes possible to achieve the condition of a subject who lives, performs and is in accordance with his desires.

Keyword: gender; psychoanalysis; suffering; filmic device.

INTRODUÇÃO - APRESENTAÇÃO

O diálogo entre psicanálise e gênero é algo que insiste em se inscrever em minhas práticas clínicas e acadêmicas. Tenho em minha trajetória um mestrado sobre psicanálise e feminismo, bem como 5 anos de prática clínica que acolhe com maior frequência mulheres do que homens. A partir dessa formação profissional e a clínica psicanalítica penso que não há como não se perguntar sobre os efeitos das discussões sobre gênero e sexualidade na forma como os sujeitos se relacionam, com o que sentem e o que desejam. A expressão do sentimento, como diria Marcel Mauss, está relacionada não apenas com questões individuais, mas também sociais. E o próprio Freud em seus textos sociais nos deixa explicitada a ideia de que não há psicologia individual que não seja também social. O eu só é com o outro e é por isso que a cultura e o coletivo estão sempre ecoando dentro do trabalho psicanalítico.

Em *Psicologia das Massas e análise do eu* (1921) Freud nos convoca a pensar o ser humano individual como parte de um coletivo, como um ser que em algum momento da vida se unirá a alguma massa em prol de um objetivo maior. O pai da psicanálise diz que “cada indivíduo é um componente de muitos grupos, têm múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos” (FREUD, 1921, p. 92). Construir seu ideal do Eu é uma forma do sujeito poder desejar e se aproximar de alguns ideais de realização, ou seja, perceber, a partir de uma falta sua, algo no outro que lhe interessa, que se aproxima de algo que se quer. No interesse deste texto, penso isso como um olhar para fora e se colocar externamente como sujeito, não mais como objeto do outro, tentando completar a expectativa desse outro sobre nós.

Expectativas sociais e culturais estão presentes no cotidiano das mulheres desde muito tempo. Desvincular-se disso é algo que as mulheres fazem incessantemente através dos feminismos e das repercussões das discussões de gênero e sexualidade no campo político, abarcando aqui a educação, a saúde e a justiça. Em *Mal-estar na Civilização* (1930), Freud constata que estar em civilização é uma experiência pelo mal-estar, pois precisamos abdicar de vontades individuais em prol de funcionamentos coletivos. Conviver com vivências desagradáveis é algo que faz parte do dia a dia e isso nos fala sobre a relação eu-outro, algo que nos é muito caro desde que passamos a existir nesse mundo. O processo de educação em que somos inseridos nos diz aquilo que é socialmente esperado de nós e aquilo que

deveríamos fazer. Isso é uma condição para todo sujeito humano independente de seu sexo ou gênero.

Ao nascermos estamos diante de uma experiência muito forte de indeterminação. Há um desamparo que toma conta de nós, que faz com que precisemos de um outro que diga de nossas demandas, que cuide, que nutra e estabeleça sentidos ao que estamos sentindo. É nesse vazio inicial, que existe o espaço para que circunscrevemos quem somos através da ação de um outro. Porém, assinalo aqui que por vezes o gênero advém ao sujeito. Ser gênero antes de ser sujeito é a definição genericada de alguém devido ao genital com qual nasce. Desde o nascimento são colocadas sobre as crianças, por parte de sua família e cuidadores, intenções de desenvolvimento a partir de uma ideia voltada para expressões da masculinidade ou da feminilidade, os ditos papéis de gênero.

A psicanálise usa o mito de Édipo como uma referência organizadora das relações familiares. Algumas autoras feministas no interior da psicanálise como Luce Irigaray, Teresa Brennan¹ e também Judith Butler tensionam o porquê de não usarmos outros mitos como ponto de partida. Tal é o caso de Antígona, filha de Édipo, uma mulher que ousou enfrentar homens tiranos que estabeleciam leis injustas. Antígona apresenta uma outra forma de ser mulher, uma mulher que fala e faz valer a palavra mesmo que para isso precise perder a própria vida.

Com essa breve apresentação e reflexão sobre nossas relações de sujeito com a sociedade e com o gênero me permito algumas questões de fundo dessa narrativa: o que de reivindicação se escuta das mulheres hoje? O que está sendo falado e o que silencia diante das determinações de gênero na cultura?

Patrícia Porchat, importante psicanalista tensionadora das questões de gênero no interior da psicanálise, manifesta que as teorias de gênero nos ajudam a pensar a diferença e a alteridade atravessada no outro por relações de poder envolvidas. A autora, pautada pela perspectiva de Judith Butler, traz que “há uma crença na existência de uma substância ou essência de homem e de uma substância ou essência de mulher” (PORCHAT, 2014, p. 37). Ou seja, desde que nascemos, nos é dito o que somos, como se passasse a haver uma verdade sobre o sujeito. A partir dessa verdade se produzem formas, através de palavras, expressões e gestos - que atestam e criam uma realidade para o ser através do gênero. Para Patrícia

¹ Brennan, T. (Org.); *Para além do falo*: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

Porchat, a “Psicanálise para (Judith) Butler coloca em questão o corpo natural e fornece uma teoria da fantasia, o que permite entender como o poder social toma forma na psique” (PORCHAT, 2014, p. 35). Pensar o poder social tomando forma na psiquê é compreender as influências das determinações históricas e culturais sobre as questões de gênero.

Essa conversa entre psicanálise e gênero é antiga e permitida devido à psicanálise ser teoria aberta ao diálogo com outros saberes. O sujeito será sempre efeito de discurso e linguagem, portanto, a fala e o dito surpreendem e demandam de uma teoria que atente para a diferença que se inscreve ao passo em que a cultura se transforma.

Em 2019, a psicanalista Maria Homem e o Psicanalista Contardo Calligaris publicaram um livro intitulado “*Coisa de menina? uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*” que, em formato de diálogo, abre reflexões sobre temas que dialogam com questões contemporâneas. Os autores iniciam a conversa com a seguinte pergunta: “Gênero: construção natural ou cultural?” e nos dizem que precisamos estar atentos ao fato de que nós, enquanto humanos, construímos muitas coisas, estando conscientes disso ou não. Para os psicanalistas, “as categorias homem e mulher só conseguem existir no âmbito das palavras, do simbólico, e não da realidade vasta e complexa da natureza e muito menos na realidade mais vasta e complexa das relações humanas concretas” (HOMEM; CALLIGARIS, 2019, p. 11).

A posição destes psicanalistas pode servir como um auxílio ao afirmar a ideia de que há poder nas palavras que são ditas, a partir de nós e, sobre nós. Cada ser fala de um lugar, e ao assumir essa fala pode vir a aparecer como unicidade na sua singularidade extrema. Pensando nisso, apresentarei uma reflexão sobre gênero e psicanálise, realizando uma análise do filme *Swallow* (2019), que conta a história de uma mulher que engole objetos e experiências de sofrimento em vez de falar.

Para essa análise, apresentarei a personagem e o filme no decorrer da escrita, mostrando aspectos que considero importantes e relevantes ao objetivo deste texto. Por ser resultado final de uma especialização em estudos de gênero, a intenção aqui é trazer teorias que articulem com a prática e permitam uma reflexão crítica do filme por um olhar social, pontuado em questões e olhares clínicos.

JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA

Edson Luiz de Souza, com o texto *Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud*, que compõe o posfácio das obras incompletas de Sigmund Freud da editora Autêntica, no volume *Arte, Literatura e os Artistas*, nos apresenta algumas situações que demonstram a relação de Freud com a arte. Freud usava da produção artística e literária para suas hipóteses conceituais e até para seu manejo clínico. Ao falar sobre a técnica analítica, Freud (1905) invoca Leonardo Da Vinci e as formas de arte por ele condensadas. “A pintura, diz Da Vinci, trabalha *per via di porre*; é que ela coloca montinhos de tinta onde eles antes não existiam, na tela sem cores; a escultura, por sua vez, procede *per via di levare*, já que retira da pedra o necessário para revelar a superfície da estátua nela contida” (FREUD, 1905, p. 67). De acordo com Freud, a técnica analítica é tal como uma escultura, extrai os excedentes para surgir, do que resta, o sujeito e sua expressão, sendo esta última até mesmo em forma de patologia.

Edson Souza (2018) diz que a proximidade de Freud dos artistas se dava “por acreditar que estes funcionam como faróis, com suas luzes intermitentes que indicam desvios em nossas travessias” (SOUZA, 2018, p. 318). Independente da intenção do artista, a arte tem efeitos inesperados e causa as mais diferentes sensações quando somos expostos a ela. Talvez uma imagem dê espaço para um sentimento que não tem ainda uma palavra, podendo fazer existir ali alguma significação que antes não havia. Diante disso, a escolha do filme como dispositivo artístico se faz pelo efeito que este causou nesta autora. Maria Cristina Tonetto (2011) defende que no cinema, assim como na leitura, cada novo olhar pode possibilitar um estudo da cultura e uma construção de algumas explicações de mundo.

A análise do filme se dá a partir de uma perspectiva psicanalítica, usando da definição de Miriam Rosa e Eliane Domingues (2010) de que a pesquisa em psicanálise se define pela forma de formular questões mais do que pelo tema e lugar em que é feito. Assim, o filme escolhido foi assistido mais de uma vez. A primeira delas marcada por identificações, pois nem se sabia que ele seria o tema deste trabalho final, depois desse primeiro contato, voltei a assisti-lo usando da atenção flutuante, marcando pontos de interesse. Após o início da escrita deste texto, o retorno ao filme se deu na busca de momentos que apareciam durante a escrita e a conversa com os autores. Toda a interpretação dada nesse texto se destina a ser um exercício de psicanálise aplicada, que, de acordo com Rosa (2004) é uma forma da psicanálise ser um recurso para observar fenômenos que envolvem a sociedade e a cultura.

DEVORAÇÕES

A ação de devorar pode ser traduzida por uma ação feita às pressas, um comer sem dentes, um engolir que destrói, um consumo voraz. Devorações que podem soar como um *dever (de) ações*, é algo que precisa ser feito, que não há controle e nem se consegue recusar. O filme *Swallow* (2019), lançado com o título *Devorar* aqui no Brasil, é dirigido por Carlo Mirabella-Davis e traz em sua narrativa a história de Hunter, interpretada pela atriz Halley Bennett, uma jovem branca estadunidense recém-casada com um jovem branco bem sucedido, proveniente da classe média baixa, dona de casa que se descobre grávida logo no início do longa-metragem. *Swallow* também pode ser traduzido simplesmente para engolir, prática que a personagem principal do filme realiza inicialmente como forma de obter prazer.

Como uma esposa e dona de casa, Hunter passa seus dias em uma casa muito grande e afastada de vizinhanças. Ela limpa a casa e a piscina, cuida do jardim e da decoração dos cômodos, prepara o jantar e faz a refeição com o marido depois que este chega do trabalho. Em algumas cenas, Hunter visita o pai e a mãe de seu esposo e estas são algumas das raras atividades de interação com outras pessoas que realiza fora de casa. O padrão dos filmes hollywoodianos aparece marcadamente no padrão da casa luxuosa e bastante espaçosa que é o principal cenário do filme. Embora o cenário em si se afaste da realidade da maioria das mulheres, a situação de desamparo e de uma compulsoriedade na realização das tarefas domésticas é similar à de várias mulheres, estadunidenses ou brasileiras.

Hunter é apresentada como uma personagem sem amigas, quase sem atividades extra-muros e sem um objetivo de vida definido, além dos cuidados às tarefas domésticas. Pouco se conhece sobre o histórico dela e sobre sua personalidade. Das poucas pistas “deixadas” pelo roteiro, em conversa com a sogra ela conta que ia a entrevistas de emprego para cargos de ilustradora publicitária e nunca era chamada. Ela trabalhava com a venda de produtos de higiene pessoal, tais como sabonetes, loção para banho, espuma de banheira e se considerava muito grata por integrar aquela família que lhe dava a possibilidade de ter tempo livre para dedicar para si e inclusive poder desenhar.

Hunter é silenciosa, quando fala o faz com calma e com certa doçura. Em uma das cenas iniciais ela está em um restaurante com seu marido e seus sogros. Ele diz para ela contar uma história engraçada que lhe aconteceu enquanto trabalhava. Ela começa a contar e antes que continue é interrompida pelo seu sogro que dirige a palavra às outras pessoas na

mesa. Rebecca Solnit (2017) em seu livro *A mãe de todas as perguntas* diz “Se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade. E a história do silêncio é central na história das mulheres” (SOLNIT, 2017, p28). Solnit diz ainda

Se ter voz, poder falar, ser ouvido e acreditado é essencial para ser um participante, uma pessoa com poder, um ser humano com pleno reconhecimento, então é importante reconhecer que o silêncio é a condição universal da opressão, e existem muitas espécies de silêncio e de silenciados (SOLNIT, 2017, p. 35)

Esse silenciamento era bastante presente nos tempos de Freud, mas o silêncio aparece transformado em histeria. A partir da escuta do desejo destas mulheres foi possível fundar toda uma teoria sobre o inconsciente. Pensando ainda mais em termos psicanalíticos, é através da fala que um sujeito aparece. Sabe-se que é preciso supor um sujeito quando ele nasce, ou seja, a mãe ou o agente da função materna deve desejar que esse serzinho seja alguém, as mães falam com as crianças e por elas quando estas não o podem fazer. Na história de Hunter ficamos sabendo que sua mãe não lhe desejava como filha, não a quer por perto e não a acolhe nos momentos de necessidade.

Na cena do restaurante narrada anteriormente, Hunter se percebe desconectada da discussão, se retrai, olha para um copo que está na sua frente, está cheio de gelo, então ela mastiga estas pedras de gelo interrompendo a conversa com o barulho. Quando é olhada pela família diz: “esse gelo está muito gostoso”. Entendo essa como sendo a primeira devoração da personagem. Nesse momento, Hunter quebra a boa conduta e as boas maneiras esperadas por quem estava com ela à mesa. É observada com estranhamento.

Falando ainda sobre sua aparência, é branca, média estatura, magra, loira, cabelos curtos. Sua beleza é inegável e sua apresentação reúne diversos aspectos de uma feminilidade tradicional. Hunter faz uso de maquiagem, vestidos e acessórios dentro da própria casa e enquanto faz os trabalhos domésticos, algo que relembra o livro *A Mística Feminina*, de Betty Friedan.

Betty Friedan (1971) faz uma reflexão sobre o mal-estar que cercava as mulheres dentro de suas casas em seus papéis de esposas e mães. Mulheres brancas e de classe média

se viam excluídas da vida pública em prol do espaço privado. Friedan afirma que “esta mística da realização feminina tornou-se o centro querido e intocável da cultura americana contemporânea” (FRIEDAN, 1971, p. 20). A autora está falando da realidade da década de 1960, porém isso não deixou de acontecer mesmo há cinquenta anos da publicação de tal texto. Diante dessa mística do que se espera da mulher muitas delas encontravam em si uma ausência de sentido, de identidade e de liberdade para serem elas próprias. Isso é bastante escutado na clínica, mulheres que passam a se questionar se estão sendo boas mães ou boas donas de casa quando saem para estudar ou trabalhar fora do lar. Mulheres que não permitem se queixar do marido pois sentem que estão sendo ingratas ao lugar que eles lhe oferecem. Aqui já há uma grande questão do filme: o lugar social e de valor de Hunter estar ligado a sua existência enquanto esposa.

Este problema sem nome que acometia as mulheres tentou ser afastado por médicos, sexólogos, psicólogos e psiquiatras da época através de soluções que suprimissem a capacidade reflexiva da mulher, simplesmente afirmando que este mal estar fazia parte da condição feminina ou que a dona de casa deveria compreender o quão feliz era (FRIEDAN, 1971). Em certo momento da narrativa filmica, em uma conversa com a sua sogra, Hunter escuta da mesma a seguinte questão: “Você está feliz ou você finge?”. Na mesma cena, a sogra lhe diz: “O melhor conselho que já me deram foi: Finja até conseguir”. Tudo na nova vida de Hunter é uma imposição, precisa ser engolido “goela abaixo”. Há um controle por parte do marido do que ela pode fazer, de como pode se movimentar. Um controle sutil, implícito, mas extremamente presente na funcionalidade do lar e da família que começa a partir de sua gestação.

Envolta por uma atmosfera de servidão e aniquilamento, após conversar com a sogra sobre a gravidez, Hunter recebe um livro de auto-ajuda que continha um conselho: “Todo dia tente fazer algo inesperado”. A partir daquela provocação literária, Hunter sente-se instigada a fazer algo novo, então troca a cor das cortinas e passa a engolir² objetos.

Tudo começa com uma pequena bola de vidro, semelhante a uma bolita. Como se sentisse uma atração pelo artefato, coloca-o entre os dedos, manipula o objeto, o coloca na

² Existe um transtorno alimentar denominado Síndrome de Pica. Esse transtorno está presente na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde. Acometidos por essa síndrome comem substâncias que não são alimentos. É mais comum em crianças e pouco se sabe sobre tratamentos específicos para esta situação. No filme a personagem é diagnosticada dessa forma, porém não é a intenção desse trabalho se debruçar sobre essa síndrome de forma detalhada e nem usar o diagnóstico como central na discussão.

boca, sente sua textura e o engole. Ela sorri, parece satisfeita, alegre e orgulhosa de fazer algo diferente e que lhe deu prazer. É como se mudasse o seu humor após fazê-lo, alegrando-se. Depois disso, acompanhamos Hunter e sua devoração: uma pilha, peças de jogo de xadrez, objetos metálicos (os quais eram seus objetos preferidos), papel e até mesmo um alfinete. O alívio que a protagonista sente ao conseguir engolir os objetos supracitados pode ser entendido como uma libertação do controle do marido. Ela não consegue determinar nenhuma parte da sua vida além da parte em que está engolindo algo.

Hunter coloca o alfinete na boca e corta a língua na primeira tentativa. Num segundo momento, inverte a posição do objeto e volta a insistir no processo, sendo bem sucedida, embora lhe cause dor. Ela se angustia, manifesta o desconforto físico, chora, mas consegue, se alegra e segue sua rotina. Mas tem agora algo que é só seu: um segredo. Pontuo que a dimensão do segredo nesse momento está sendo um lugar de alívio para a protagonista. Mesmo que haja um sofrimento físico ao engolir e ao extrair os objetos por meio das fezes, ela sente prazer em conseguir realizar esta ação.

Essa rotina se mostra extremamente repetitiva, sendo marcada apenas pelos objetos diferentes que incorpora a si. Hunter faz uma coleção de objetos engolidos, os quais são dispostos na penteadeira do quarto. Troféus que simbolizavam um prazer perigoso e proibido, em meio à monotonia dos afazeres diários. Engolir objetos, tais como pilhas, embora fosse arriscado, fazia com que Hunter se sentisse ao menos um pouco no controle de sua vida.

Essa repetição que Hunter faz em casa pode ser vista através da esfera privada a qual algumas mulheres estão amarradas. Sendo a casa seu único espaço de produção, ela se vê satisfeita ao concluir de maneira positiva tarefas cotidianas, como escolher a cor de uma cortina, por exemplo. Há uma extensa e importante discussão a nível internacional do trabalho doméstico como atividade exploratória, pois a sua condição de reprodução de algo que se esvai impacta as mulheres de diferentes formas. Olhando para a particularidade do caso do filme usamos o entendimento de Flávia Birolli (2018) de que falar de trabalho doméstico é falar do que vem sendo chamado de trabalho, competência e lugar de mulher na sociedade. Flávia Birolli (2018) nos informa que a separação entre casa e trabalho serviu para justificar hierarquias dentro e fora do espaço doméstico. Esse tema é bastante relevante nas discussões feministas sobre a dicotomia público e privado e como ela interfere na vida social e também, como expomos aqui, psíquica das mulheres.

Hunter sendo responsável pelas roupas do marido, certa vez errou ao passar uma gravata e a estragou. Naquele momento foi criticada com bastante desprezo por ele, incomodado com a incapacidade da esposa de estar atenta a isso. Ela, no entanto, não sabia que as gravatas de seda só poderiam ser passadas com vapor, senão teriam suas fibras danificadas permanentemente. A cena faz retumbar uma pergunta: Afinal, pra que serve uma mulher? Flávia Birolli (2018) nos chama a atenção para os efeitos da família no lugar da mulher na cultura. A autora aponta que o ambiente familiar pode vir a ser um espaço em que as relações estão historicamente marcadas pela opressão, na qual estabelecem-se ordens morais e adequações de comportamento. A própria noção da maternidade e do maternalismo acabam por reduzir a mulher a um papel (BIROLLI, 2018).

Ao que parece isso só reforça a existência da mulher como relevante e visível a partir de sua funcionalidade. Colette Soller (2005) ajuda a pensar esse lugar de uso quando traz que as perspectivas psicanalíticas freudianas e lacanianas fazem da mulher o parceiro do sujeito masculino, ou seja, ela está sempre relativa ao homem, não existindo no seu ser em si, mas como seu ser para o Outro. É na medida em que há uma denúncia de imagens e símbolos da cultura que funcionam como coercitivos sobre a mulher que a objeção feminista está presente diante dessa metáfora fálica.

Dentre tantas situações da vida de Hunter nas quais ela aparece como um acessório do marido, há uma em especial que talvez possa ser representativa da solidão dessa mulher. Durante um encontro na sua casa, nos quais estão presentes amigos de seu marido, ela está andando pela sala servindo a comida. De repente fica frente-a-frente com outra mulher que elogia o alimento, diz que os sanduíches estão ótimos. Hunter oferece mais um a ela que lhe responde, de forma sociável, com certa graça: “Tire eles de perto de mim, se eu comer mais um vou ter que fazer uma lavagem estomacal”. Na cena há um silêncio e todos os presentes voltam o olhar para essa situação. A convidada pede desculpas, disse que não queria falar dessa forma, pois nem se tocou sobre “o problema” que a protagonista enfrenta. Então o marido de Hunter chega e diz que não há problema algum com o que foi falado, que Hunter teve progresso desde que precisou fazer a intervenção cirúrgica para tirar de si os objetos e que agora está em uma dieta balanceada, cheia de frutas e vegetais. Dieta que foi criada pela mãe de seu esposo. Ela ficou extremamente incomodada e disse que ele não deveria ter contado a todos dessa situação.

Parece não haver a garantia de uma existência própria, pois a personagem não tem o direito nem de sofrer sem ser olhada e apontada por todos. Compreendemos que o sofrimento

não precisa ser segredo, porém só diz respeito a Hunter decidir com quem compartilhar a situação que está passando. Essa postura do marido é uma forma de silenciamento e essa cena nos mostra Hunter silenciando diante de mais uma possibilidade de revolta. Talvez ela não se revolte pois não tenha recursos para isso, ou seja, não consegue ainda fazer algo diferente com o que lhe fazem.

O CORPO FRATURADO (OU INVADIDO?)

Jacques Lacan dá muita importância para o corpo na sua leitura da psicanálise. Em uma famosa entrevista concedida à televisão, ele diz que é através do corpo que é possível estabelecer um contato com a alma. Como se a alma fosse algo que se supõe através da soma das partes de um corpo. É através da anatomia como ponto de partida, e não como destino, para a constituição do sujeito que Freud desenvolve sua teoria psicanalítica. Isso nos ajuda a pensar que a relação do sujeito com o mundo é corporal. Vou me deter nesse ponto por considerá-lo relevante a proposta deste texto. Simone de Beauvoir (1949) traz, no célebre livro, *O segundo sexo*, que toda opressão seria biologicamente fundada, pois o corpo que procria, ao nascer com tal capacidade acaba por abrir mão de sua individualidade em prol da espécie, como se enquanto cultura se reclamasse que a mulher abdicasse de si mesma como sujeito em prol de outros. Nascemos oprimidas e isso é engendrado pela sociedade mais ainda. Ao falar sobre o período da infância, a autora traz que

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir o indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o Universo (Beauvoir, 1949, p. 361).

Este trecho é muito caro à compreensão do corpo como o lugar inicial no qual se constitui uma identidade. Como esse corpo é lido no mundo e como ele é dito pelos outros

que o vêm ir fazer efeito nas práticas relacionais dos sujeitos consigo e com os outros. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud se propõe a pensar a sexualidade para além de um dado biológico bruto, mas como disposição psíquica humana universal que irá falar da relação eu-outro e de questões de desejo, envolvendo amor, ódio, dominação e objetificação. Estas percepções advêm de observações na prática clínica, na qual percebe que a sexualidade é posta como questão por seus pacientes de forma ampla, seja questionando sua própria sexualidade ou suas escolhas objetais: Qual homem escolher? Do que eu gosto? Isso me atrai? Por que não aceito? Nisso estão presentes as pulsões, as forças por trás de nossas tensões. Portanto, é de um lugar singular da forma de se relacionar que estamos falando aqui ao articular corpo, sexualidade, gênero e psicanálise.

Esse lugar singular obviamente perpassa por todo sujeito, independente do corpo que este tiver. Independe do sexo, da cor e do gênero, pois cada um irá desenvolver a si mesmo a partir de processos de identificação e diferenciação e proximidades e distanciamentos com o que lhe parece fazer sentido e produzir questões. Porém ressalto, junto de Beauvoir e outras pensadoras em gênero, que há uma narrativa hegemônica do que é uma mulher. Não é intenção deste texto adentrar na resposta dessa indagação, mas ela existir nos ajuda a refletir as determinações ao papel social da mulher sob a qual estamos discorrendo aqui.

Exposto o gênero como marca da diferença biológica, linguística e cultural é possível enlaçá-lo aos significados dados aos corpos e aos sujeitos e então percebê-lo como algo que marca um lugar de sofrimento. Desta ideia podemos pensar o feminino como o espaço onde se produz dor e loucura, como se o sofrimento e a mulher estivessem atrelados, até mesmo na espera um do outro. Márcia Tiburi (2018) contribui com essa ideia ao trazer que "A misoginia está presente quando se associa às mulheres à loucura, à histeria, à natureza - como se houvesse uma predisposição que conferisse a elas uma inconfiabilidade natural, originária" (TIBURI, 2018, p. 39). Isso é muito presente na literatura e nas produções fílmicas que cercam o imaginário social educado em uma perspectiva colonizada.

Ao se descobrir grávida, percebemos um olhar de aflição na personagem, diferente do olhar do marido e da família dele, os quais comemoraram e se alegraram com a chegada de um futuro herdeiro. A partir daquele momento, parece que o corpo de Hunter é apenas um espaço vazio em que carrega algo de valor, mas que em si mesmo não se basta, como unicamente o meio para um fim. Márcia Tiburi (2018) traz que alguns corpos padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Para a autora

Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõem a ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência (TIBURI, 2018, p. 12)

O corpo de Hunter já não é apenas seu. Com acesso a um plano de saúde privado, realiza os exames médicos durante a gravidez, com o acompanhamento do marido. É durante sua primeira ultrassonografia que é constatado pela médica um objeto estranho. Naquele momento, quando a barriga é pressionada pelo aparelho, Hunter sente uma dor fulminante e é levada ao centro cirúrgico para remover os objetos que não conseguiu expelir. Durante aquele momento, ela gritava que não seria necessário, pois tudo ficaria bem, como se fosse dar conta de retirá-los de si em algum momento.

Algum tempo depois, já tendo retornado para casa, durante a recuperação da cirurgia, Hunter passa a ser confrontada pelo marido, que se sente injustiçado por não ter sido avisado sobre a compulsão dela. Ele pergunta o porquê ela faz isso e como pôde casar sem comunicar algo tão importante a ele. Hunter responde que não sabe, que isso nunca aconteceu e que não consegue controlar essa compulsão. O marido a interpela nervoso “Qual o seu problema, porra?”. Há em Hunter algo que lhe impele a devorar esses objetos, uma força constante, é por necessidade que o faz e, após engolir, se satisfaz.

A atitude de Hunter se aproxima muito do conceito de pulsão em psicanálise. Freud informa que há algo que pulsa e pressiona no humano que é diferente do instinto animal. O estímulo pulsional, partindo de uma necessidade inicial, busca a satisfação. Isso pode ser visualizado na criança recém-nascida, que, diante da fome, busca através da sua boca, o seio materno, para que consiga aplacar a sua fome e algo mais. Esse algo mais é a satisfação que está para além da necessidade de comer. É o afeto e o carinho que acalma, o aconchego. Freud (1905) chama esse momento de fase oral, através dela a criança introjeta os objetos e apreende o mundo. Ao fazer isso está num processo de constituição de si.

Freud (1905) nos informa que as pulsões são estímulos constantes no interior de nosso organismo, como algo interno que exige um trabalho ao nosso aparelho psíquico, algo que pressiona e que está presente nos nossos conflitos. Se julgarmos que nosso inconsciente está

sujeito ao princípio do prazer, ou seja, regulado por sensações de prazer-desprazer, percebemos que há aí uma tendência a reduzir a tensão e não necessariamente a certeza que isso irá se efetivar. Essa tendência se dá por percebermos que o que nos é consciente é apenas um pedaço de nosso mundo psíquico. A partir disso, se pode pensar que certos atos praticados por nós, como sujeitos de cultura, podem ser realizados sem um motivo aparente. Entretanto, é através de uma leitura de cada sujeito, em relação singular com a cultura e os outros que lhe compõe, que se torna possível observar quando o inconsciente, até então desconhecido, escapa.

Diante do exposto, é possível pensar que os objetos tomam forma no corpo de Hunter, através de sua intenção de incorporar o que não consegue expressar. A boca é o início do mundo para o bebê e está presente nas relações cotidianas e nas necessidades essenciais de alimentação e comunicação.

Mitologicamente podemos pensar a boca com Cila e Caríbdis, dois monstros marinhos que aparecem na Odisséia de Homero como estando sempre alertas a abocanhar os marinheiros que tentassem passar por ali. Cila teria muitas cabeças ágeis e Caríbdis, na condição de monstro submerso abocanhava muita água, depois a cuspiam, formando redemoinhos que impossibilitavam navios de passar. Podemos pensar com isso a ideia da mulher enquanto devoradora de homens, tal como os monstros mitológicos. Podemos ir além e pensar que os homens devorados são homens que tentam extrapolar os limites dispostos por elas.

Com isso mostro que devoração não é sinônimo de engolir. Pois tudo que é devorado, incorporado sem uma mastigação fica machucando e tem que ser expelido. Ou seja, Hunter não engole calada a vida que o marido lhe dispõe e nem a sua história familiar. Ela devora objetos que não deveria devorar, mostrando-se insubmissa, recusando-se a aceitar tal destino. Sofre por isso, pois o que lhe dói é estar distante do seu desejo, desaparecendo de si.

Observando os objetos devorados por Hunter, podemos pensar, desde o início, o gelo que ela engole como algo para aliviar o ardor de estar sufocada em um espaço em que não pode falar. Ela engole uma bolita, objeto duro, porém liso, algo que é belo e desliza de forma fluída. Ela diz gostar da espuma do colchão, algo macio, suave. Já o alfinete é algo que corta, deixa sangrar, é afiado. Desses objetos podemos ler que são tentativas de tomar para si características que não consegue explorar no meio externo e social. Quando Hunter diz que não precisa de uma intervenção cirúrgica, lemos esta passagem como o não querer perder o

que incorporou a si. Ela quer salvar-se da vida recuperando o que desde o início lhe foi perdido, ou negado. Sendo isso o amparo materno e a possibilidade de conhecer o seu pai, algo percebido no desenvolver do filme quando a personagem entra em terapia.

Em psicanálise, o infantil sempre retorna, ou seja, mesmo adulta, Hunter está elaborando acontecimentos do início de sua existência. Para que consiga ser sujeito precisa que os pais, ou cuidadores, suponham algo dessa pessoa. Queiram algo por ela. A pergunta “O que queres tu de mim?” ajuda a buscar uma luz no fim do túnel. Talvez no filme pode-se dizer que o marido e a família dele queriam uma esposa silenciosa e exemplar, mas isso não é querer algo de Hunter, pois não há aí nenhuma suposição dela enquanto ser que deseja algo, pelo contrário, ela é apenas objeto diante das vontades de quem lhe cercava.

DEVORAR OU NÃO DEVORAR?

Até aqui foi possível perceber que a vida de Hunter contém sofrimentos que não são elaborados. Os objetos que ela está engolindo são entendidos como uma forma de aliviar a sua dor psíquica. Essa amenização da dor é percebida hoje na cultura de diversas formas. São comuns casos de automutilação, crises de angústia e comportamentos de autoviolência. A dor física acaba sendo um caminho de alívio.

No trabalho clínico, ao atender pacientes que se auto agridem, fica presente a existência de uma fragilidade extrema. São sujeitos, no meu caso, geralmente mulheres, que tem questões existenciais muito intensas. Quem eu sou? Quem sou eu diante do outro? E junto disso vem um medo muito grande de desaparecer nas relações, como se precisassem se defender para garantir sua própria existência. Essa violência ao próprio corpo pode muito bem ser entendida como um pedido de ajuda e a convocação de um cuidado.

Hunter é levada pelo marido e o sogro para realizar sessões com uma terapeuta. A princípio, o sogro sugere que seja recomendada uma medicação para a nora e complementa para a terapeuta: “Não quero ensinar você a fazer seu trabalho, mas estou pagando por isso, então quero resultados”. Junto desse processo terapêutico é contratado um “enfermeiro” para

ficar com ela em sua casa. Esse homem está presente o tempo todo, não deixando que ela fique sozinha.

Na terapia, descobrimos que a protagonista é resultado de um estupro que sua mãe sofreu. Ela conta isso como se não fosse um grande problema, pois a mãe sempre esteve presente. Porém como vimos no decorrer do filme, essa mãe não lhe recebe diante da necessidade da filha, pelo contrário, parece repeli-la. A analista de Hunter, ao ser cobrada pelo marido para saber o que acontece, lhe conta dessa situação. Isso causa muito desconforto em Hunter, que ao ouvir essa quebra de sigilo fica paralisada e tem algo que podemos entender como sendo uma crise de angústia. Ela vai para baixo da cama. O enfermeiro a segue e deita lá junto dela e lhe diz: você está segura agora. Ao acordar, Hunter tem um recaída e engole um objeto de metal de aproximadamente 6 cm. Esse objeto não consegue passar pela sua garganta, tendo que ser levada às pressas a um hospital no qual faz uma cirurgia para salvar sua vida.

No retorno do Hospital encontra o marido, o sogro e a sogra reunidos com o panfleto de uma clínica psiquiátrica, no qual ela é coagida a assinar um termo que diz que aceita ir para tal lugar até o final da gravidez. Hunter está visivelmente contrária à situação. Chora e diz que foi a última vez e que nunca mais fará isso. Por fim, acaba cedendo. Antes de ir para a clínica vai ao banheiro e consegue fugir com a ajuda do enfermeiro. Este, convivendo com Hunter, percebeu a necessidade de cuidado dela e a ajudou a escapar do ambiente familiar nocivo em que estava. Após fugir de casa, o marido afirma por telefone que “Você não é boa em nada. Você não consegue fazer nada (...) Volte ou eu vou caçar você. Vou caçar você, caralho, sua puta ingrata. Volte aqui com o meu filho!” Nesse momento, é perceptível, mais uma vez, a questão da relação de gênero envolvida nas possibilidades e limitações da protagonista.

O patriarcado - significando tanto a dominação masculina como as sociedades obcecadas com a sucessão patrilinear, que exige um controle rigoroso sobre a sexualidade feminina - tem criado, em muitos tempos e lugares distintos, diversas versões de mulheres dependentes e improdutivas, que ficam incapacitadas pela alteração do corpo ou das roupas, restritas ao lar, com acesso limitado ao ensino, ao emprego e à profissionalização por leis e costumes respaldados por ameaças e violências (SOLNIT, 2017, p .144).

É preciso falar sobre direitos sexuais e reprodutivos. Hunter em nenhum momento foi indagada se queria ter a criança. Sua vontade não estava sendo considerada. Ela não se sentia amada e nem valorizada, e não se sentia preparada para ter uma criança. Isso permite que pensemos quantas mulheres se submetem a algum querer externo sem se questionar se de fato desejam o destino que a vida lhe coube. A vida entendida aqui como as instituições que mantêm um discurso de tradição sobre o papel de inferioridade e de passividade da mulher diante dos homens.

Um olhar clínico que busco, junto deste texto dar a esse filme, me permite levantar algumas hipóteses sobre o porquê a protagonista estar engolindo estes objetos. Uma forma de olhar para a situação é pensar nas sensações que Hunter tem ao engolir. Como se estivesse preenchendo algum vazio em si. Isso me transporta a ideia de identificação em psicanálise. Ela é, de acordo com Freud (1921, p. 61) “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com outra pessoa.” Sendo assim, é fundamental para a constituição do sujeito enquanto tal, pois como seres de relação, necessitamos uns dos outros para construir a própria história.

O sujeito enquanto tal é aquele que aparece na sua singularidade e nos seus desejos. Aparece enquanto resposta e efeitos das experiências que retira das vivências que tem no mundo. No início da vida, esse sujeito precisa ser uma aposta de quem cuida e nutre. É preciso que se construam laços para aplacar o desamparo inicial. Freud irá nos trazer que

desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase *oral* da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto.(FREUD, 1921, p. 61,62).

Essa incorporação poderia se dar por ter um laço emocional com estes objetos, com algo que é estimado por ela e por quem lhe cerca. Ressalto que são objetos da sua casa, do seu entorno, decorações, espuma do colchão em que dorme, página do livro que lê. Através dessa devoração, desse ato que não passa por uma mastigação, ela coloca dentro de si objetos que preenchem um espaço vazio de sentido. Na incapacidade de ser, ela passa a ter, e carregar consigo algo que é só seu, nem que seja por algum tempo.

Podemos nos questionar sobre qual a forma de controle que Hunter busca. A partir do narrado até aqui, notamos que a personagem não tem uma voz que faça efeito dentro da sua própria casa. O casamento, que viria como uma libertação da vida de vendedora, veio como

uma limitação do sonho de ser ilustradora. Se viu em um espaço de aprisionamento e de silenciamento. Silêncio este que diz de um vazio, diferente de um silêncio de ponderação, que reflete, elabora e trabalha no pensamento uma ação. Hunter apostou em uma vida que não trouxe os ganhos imaginados. Isso é muito presente na prática clínica, lugar onde é preciso fazer uma abertura de possibilidades para o viver. A fala e a escuta permitem uma construção de novos lugares que dependem de uma movimentação do sujeito, movimentação em si e diante dos outros que lhe cercam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E O CAMINHO EM ABERTO DO FUTURO

Na terapia que Hunter faz, ficamos sabendo da sua história. Essa história passa a existir quando lhe é concedido um espaço no qual seja possível narrar-se. A narrativa de si é fundamental para que a condição de sujeito apareça. Percebemos na história da protagonista que há algo impossível de ser dito que aparece enquanto angústia, uma inibição muito grande de sua parte imaginária da vida. Percebemos que o não dito por ela aparece em atos compulsivos. Ela não consegue falar e nem fazer algo com o que lhe foi falado sobre si.

O filme dá a entender que, por ser fruto de um estupro, carregava consigo uma culpa que não era sua, mas sim do pai, que por ela foi confrontado na etapa final da narrativa. O trauma desorganiza a narrativa para quem sofre estupro, e no caso de Hunter, isso reverberou na sua trajetória. A mãe de Hunter, conforme a jovem, era fanática religiosa de direita e não acreditava em aborto sequer em casos de incesto ou estupro. Assim decidiu por gerar e parir Hunter, mas há dúvidas quanto à maternagem que ali foi feita. "O estupro é o ódio e a fúria ocupando o lugar do amor entre os corpos. É uma visão do corpo masculino como arma e do corpo feminino (no estupro heterossexual) como inimigo" (SOLNIT, 2017, p. 43).

O trauma sofrido pela mãe da personagem é algo que a própria personagem carrega, pois sabe que é resultado de tal violência e isso lhe traz um espaço desconhecido de sua própria história. Podemos pensar que Hunter não teve um pai. Não sabemos como foi sua infância e com quem se relacionou. Pode ser que tenha tido figuras paternas importantes ao longo da vida, mas do observado no filme percebemos que ela não teve alguém que desejasse por ela. Alguém que lhe fizesse falar das faltas que sente. Ao contrário disso, talvez tenha

havido durante o desenvolvimento da protagonista muito espaço para imaginações e fantasias quanto a figura de seu pai. Diante do que não é dito há muito espaço para o que é imaginado.

No seminário I, Jacques Lacan (1953) questiona sobre o que estamos fazendo quando fazemos análise e nos traz que para Freud isso dizia de uma reintegração, feita pelo sujeito através da fala, de sua própria história até os últimos limites sensíveis. No texto *Construções na Análise*, Freud (1934) diz que se trata sempre da reconstrução da história do sujeito, sendo mais importante reconstruir do que reviver ou rememorar o que foi. Hunter busca isso. Ela carrega consigo a foto do estuprador da mãe, de seu pai e, ao fugir da casa do marido decide ir atrás deste homem que tem parte na sua história.

William Erwin, como ele próprio diz para sua filha, era um cara normal. Disse que no momento do estupro estava delirante e que aquilo o fez se sentir importante, poderoso, um Deus. “Um segredo te faz forte, sabe?”. Na cadeia foi tão espancado que precisou usar uma bolsa de colostomia e assim disse ter percebido quem era: “Eu era merda”. Hunter perguntou ao pai “Eu sou como você?”. Ela precisava ouvir dele que não era como ele e que ela não fez nada de errado.

A jornada de Hunter é uma jornada de retorno aos pedaços que foram perdidos ao longo do caminho. Quando ela começa a falar de si se direciona a construção de saberes sobre si. O encontro com o pai é a saída dessa constante devoração em que se encontrava. Saber de onde veio, perceber a vida que esse pai leva, os arrependimentos e principalmente, saber que não é igual a ele, é um movimento de assumir uma voz. Ela agora pode falar e não precisa mais engolir coisas estranhas.

Hunter, ao final do filme, já vestida com roupas confortáveis, sem maquiagem e sem os adereços com os quais performou uma vida que não lhe cabia, se dirige a um shopping, no qual senta com sua bandeja de comida: um hambúrguer, batatas-fritas e um refrigerante. Ela então retira do bolo um comprimido e ali o toma. Esse comprimido é uma pílula abortiva. Algum tempo depois ela se dirige a um banheiro, no qual expulsa, pela última vez, os resultados desse tempo que passou se anulando. Ali, nesse aborto, Hunter deixa pra trás as impossibilidades e as limitações que sua vida regressa lhe incumbia.

Se falar em análise é um dizer sobre a falta, Hunter nos mostra como precisou se aproximar de uma falta a ser para que conseguisse se deslocar. Ela foge no momento em que se sente ameaçada fisicamente. Não teria mais poder sobre o seu corpo durante a internação e

nem depois de gerar essa criança. Ela consegue construir uma narrativa própria a partir da palavra e para além dela. O que abre a possibilidade para que se coloque e assuma lugares em que não conseguia estar antes.

A cena final do filme é bonita e intensa. Após a saída de Hunter do banheiro do shopping, a câmera fica ali, filmando e registrando a entrada e saída de diferentes mulheres desse banheiro. Esse trânsito nos mostra como o ser mulher é extremamente diverso e, já sensibilizados pela história da nossa protagonista, podemos nos pegar pensando na comédia, no drama e na tragédia de cada uma dessas mulheres que por ali (se) atravessam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdade: limites da democracia no Brasil**. Boitempo, 2018.

FREUD, S. Construções na análise (1937). In: FREUD, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. **Obras completas v.15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Sobre psicoterapia (1905). In: FREUD, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Obras completas v.6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRIEDAN, B. **Mística Feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.

HOMEM, M.; CALLIGARIS, C. **Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo**. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2019.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PORCHAT, P. **Ato performativo e desconstrução: o gênero em Judith Butler (2014)**. In: AMBRA, P. E. S. **Histeria e gênero**. São Paulo: nVersos, 2014.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v.iv, n.2, p. 329-348, set. 2004.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação; **psicologia & sociedade**. v.22, n.1, p.180-188, 2010.

SOLLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SOLNIT, R. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOUZA, E. L. A. **Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud (2018)** Posfácio. In: FREUD, S. Obras incompletas de Sigmund Freud Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TONETTO, M. C. (Org). **O olhar feminino no cinema**. Santa Maria, RS: Centro Universitário Franciscano, 2011.